

Lingüística da língua e lingüística da fala: duas abordagens, dois objetos?

Jair Barbosa da Silva¹

Resumo: Temos por finalidade discutir o que Saussure postula sobre a Lingüística da Língua e a Lingüística da Fala. Apresentaremos de que forma Labov dialoga com o mestre de Genebra, a partir do que este “excluiu” do estudo da língua(gem). Para tal, fizemos uma breve revisão de literatura sobre os estudos pré-saussurianos, a apresentação do corte saussuriano e da proposta de Labov incorporar ao estudo da Lingüística. Com isso, salientem-se: a) a importância de Saussure por haver definido o objeto da Lingüística; b) sua contribuição em excluir a parole da Lingüística para Labov complementá-lo.

Palavras-chave: Lingüística da língua; lingüística da fala; Saussure.

¹ Doutorando em Lingüística pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

É justamente porque a língua é um tipo de comportamento estritamente social, assim como tudo numa cultura, e também porque ela revela, em suas linhas gerais, regularidades que só o cientista tem o hábito de formular, que a Lingüística é de estratégica importância para a ciência social. Por trás de uma aparente ausência de regras do fenômeno social, existe uma regularidade na sua configuração que é tão real quanto aquela dos processos físicos do mundo mecânico... Uma língua é sobretudo um produto social e cultural e como tal deve ser entendida... É peculiarmente importante que os lingüistas, que são freqüentemente acusados – e justamente acusados – de falhar em olhar mais além dos padrões de sua matéria de estudo, tornem-se mais conscientes de que sua ciência pode significar para a interpretação da conduta humana em geral.. (EDWARD SAPIR, 1929, apud BELINE, 2002)

1. Introdução

O presente trabalho tem a pretensão de discutir e refletir sobre algumas questões veiculadas no *Curso de Lingüística Geral* (*Curso*) de Ferdinand de Saussure, em específico o capítulo IV da introdução, intitulado *Lingüística da Língua e Lingüística da Fala*, doravante LL e LF, respectivamente.

A mim parece não ser tão fácil, como costumeiramente se prega em livros de introdução à lingüística, aulas de graduação e até de pós-graduação, a distinção entre o que é próprio da língua e o que é genuinamente da fala, razão pela qual trago o assunto à discussão. Muitas vezes essas questões são tratadas como dadas, claras, mas

parece não funcionar assim. Se considerarmos que o mentor de tudo isso, Saussure², também apresentava dificuldades em separar determinados termos em sua teoria, como *langue* e *parole*³, por exemplo, parece legítimo lidar com essas terminologias com mais precisão.

A fim de discutir com mais objetividade as lingüísticas aqui apontadas, faremos um percurso histórico dos estudos da língua(gem); apresentaremos o “corte” saussuriano em função do objeto de estudo da Lingüística; exporemos a proposta de Saussure sobre a LL e a LF; tentaremos travar um diálogo entre Saussure e Labov, uma vez que este passa a considerar a LF também como objeto de estudo da Lingüística; e, por fim, apresentaremos algumas considerações sobre o trabalho realizado.

2. Um breve percurso histórico

Parece-me razoável para entender com alguma precisão a lingüística saussuriana, antes verificar as propostas que lhe antecederam.

Na fala de Mounin (1972, p. 25), a Lingüística em termos científicos é “um saber muito antigo e uma ciência muito jovem”. E por ser uma ciência tão jovem, parece haver muito a ser precisado, entendido e discutido na Lingüística a que Mounin se refere. Vale salientar que até chegar ao ponto a que o autor faz menção, os estudos da linguagem passaram por momentos os mais diversos e, por-

² Para a elaboração deste trabalho, estou considerando apenas a autoria de Saussure, apesar de ter consciência das condições de elaboração do *Curso*, da existência dos editores.

³ No decorrer do *Curso* percebe-se muito claramente o dilema de Saussure em querer separar o que é fato de língua daquilo que é da fala, porém, essa tentativa, em muitos casos não se apresenta de modo satisfatório. Se formos um leitor mais atento, percebemos pontos paradoxais, ou pelo menos aparente, no curso do *Curso* numa tentativa de se precisar o objeto de estudo da Lingüística, segundo Saussure, a *langue*.

tanto, por perspectivas também distintas, mas que de alguma forma refletem no entendimento de como é concebida a Lingüística na atualidade. Relataremos a seguir os principais momentos por que passou a ciência dos fatos da língua até adquirir o *status* de ciência e “definir” seu objeto de estudo, a *langue*.

No capítulo I da introdução do *Curso*, Saussure traz um apinhado histórico da Lingüística anterior a 1800, assim dividido: Gramática, Filologia e Gramática Comparada. Para Culler (1979, p. 46), “Saussure tem pouco a dizer a respeito da Lingüística anterior a 1800, provavelmente porque estava muito menos interessado nos problemas gerais da história intelectual do que nos métodos de análise e na definição dos fatos lingüísticos”.

O primeiro momento de investigação lingüística, também chamado de fase filosófica, por estar calcado na Filosofia, teve os gregos como precursores e englobava a Etimologia, a Semântica, a Retórica, a Morfologia, a Fonologia, a Filologia e a Sintaxe. Para Saussure (1979, p. 7), esse estudo “está desprovido de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua; visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas”. Como se pode ver, as investigações dessa época tinham caráter meramente normativo; essa tendência é reproduzida pelos romanos e em 1660 motivou na França a elaboração da “Grammaire de Port-Royal”.

Na segunda fase, também chamada de filológica, “a língua não é o único objeto da Filologia, que quer antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; [...] ela usa seu método próprio, que é a crítica”, Saussure (*op. cit.*). Os estudos filológicos tornam-se limitados por se aterem predominantemente à língua escrita, deixando a modalidade falada de lado, mas nem por isso deixa de ter sua colaboração, visto que, como reconhece Saussure (*op. cit.*) “essas pesquisas prepararam a Lingüística histórica”.

O terceiro período de investigações, intitulado de Gramática Comparada, começa em aproximadamente 1916 quando Franz

Bopp⁴ “reconhece” o parentesco genético entre as línguas. A partir de comparações entre as línguas, Bopp tenta por meio de uma língua enxergar e esclarecer as regularidades de outras, chegando assim a uma possível língua mãe. E isso os outros não haviam feito!

É interessante salientar que Saussure participou enquanto estudioso dessa fase. Por algum tempo, o mestre genebrino fez Gramática Comparada e isso, apesar de ser “mascarado” no texto do *Curso*, em alguns momentos acaba por reincidir. Mas não é essa a nossa pretensa discussão.

Segundo Camara Jr. (2000), é exatamente com o advento da Gramática Comparada que a Lingüística começa a ter autonomia. Mas o que viria a ser essa autonomia? Como se estabelece? Se de um lado a Gramática Comparada favoreceu a descrição das línguas, “indiretamente favoreceu a tendência psicológica”. No século XX há uma reação contra essas diretrizes, a qual pretendo pôr em evidência, assim como responder às questões postas, posteriormente, ao falarmos do corte saussuriano.

O CORTE SAUSSURIANO

Diz Saussure (1969)⁵

Vejo-me diante de um dilema: ou expor o assunto em toda sua complexidade e confessar todas as minhas dúvidas, o que não pode convir para um curso que deve ser matéria de exame, ou fazer algo simplificado, melhor adaptado a um auditório de estudantes que não são lingüistas. Mas a cada passo me vejo retido por escrúpulos.

⁴ Saliente-se que não foi Bopp o primeiro estudioso a perceber tal parentesco; outros, como W. Jones, já o tinha feito antes dele, porém de modo menos sistemático, o que implica dizer que não é mérito de Bopp a “descoberta” do Sânscrito.

⁵ Prefácio à Edição Brasileira, *apud* Salum: XVII-XVII.

De algum modo, a fala de Saussure vem reforçar que muito havia na sua época a se esclarecer sobre a tão nova ciência. É bem verdade que as dúvidas que faziam Saussure hesitar em ministrar seus cursos não ficaram todas no passado, felizmente. É indubitável que a Lingüística evoluiu muito de Saussure aos nossos dias, porém muito do que o incomodava ainda está por se esclarecer. Partindo desse pressuposto, faremos algumas reflexões sobre a LL e a LF, mas, antes, observemos o corte.

Para Robins (1983, p. 162), “a principal figura responsável pelas mudanças de atitudes ocorridas entre os séculos XIX e XX foi o lingüista suíço Ferdinand de Saussure, que de início se tornou conhecido pelo importante trabalho que realizou no âmbito da lingüística comparativa indo-européia”. No entanto, como já fora dito, a grande contribuição de Saussure para os estudos lingüísticos não se dá no âmbito da Gramática Comparada. Esta, à época em que Saussure ministrava os cursos, já se encontrava em estado de repouso em função da doutrina neogramática. E é, talvez, essa uma das principais razões por que Saussure se destaca com seus postulados. Para Robins (op. cit),

Muitas das idéias esposadas por Saussure já haviam sido, de certa maneira, enunciadas quase um século antes por Humboldt, e, embora se afirme que há ligações entre ambos, não se pode estabelecer com certeza até que ponto o pensamento do primeiro tenha sido diretamente influenciado pelo do segundo.

Se já enunciadas ou não, fato é que as idéias saussurianas modificaram a forma de se investigar os fatos da língua e nisso reside a grande contribuição de Saussure. De modo muito sucinto, pode-se dividir a contribuição do mestre do Curso em três partes, a saber: 1) Saussure formaliza e torna explícita as duas principais dimen-

sões do estudo da linguagem: a sincrônica e a diacrônica. Essas dimensões até então eram ignoradas ou pouco explícitas nas propostas de seus antecessores, cabendo, pois, a Saussure o mérito de ter distinguido a abordagem descritiva da histórica nas investigações acerca da linguagem; 2) uma outra contribuição de Saussure foi separar, conforme Robins (1983, p. 163) “a competência linguística do falante dos fenômenos ou dados linguísticos reais (enunciados), dando-lhes respectivamente os nomes de *langue*, ‘língua’ e *parole*, ‘fala’⁶. A partir disso, o mestre estabelece a *langue* como objeto próprio de estudo da Linguística; 3) em terceiro lugar, Saussure sugere que a *langue* não pode ser considerada uma nomenclatura e por essa razão deve ser concebida e descrita como um sistema de elementos lexicais, gramaticais e fonológicos inter-relacionados. Entendida dessa forma, na *langue*, cada item se define em oposição aos demais elementos do sistema e não de modo absoluto, ou de outro modo, *langue* é *forme*, *non substance*.

Como apontamos acima, o que está exposto aqui é apenas uma súmula do corte saussuriano. Saliente-se que muito há a se considerar sobre cada um dos três pontos mencionados, porém não é objeto de nosso trabalho. Que fique claro, não queremos ser

⁶ Saliente-se que essa distinção não parece ser tão explícita no *Curso*, uma vez que o próprio Saussure não consegue, muitas vezes, se “desvencilhar” da *parole* a fim de explicar questões referente à *langue*. Nosso trabalho tenta exatamente levantar alguns questionamentos acerca dessa “distinção” legada a Saussure. Ainda conforme Robins (*op. cit.*) “Saussure (influenciado pela teoria sociológica de Durkheim) talvez tenha exageradamente atribuído uma realidade supra-individual à *langue*. Contudo, embora declare que o indivíduo não pode modificar a língua, ele próprio reconhece que as mudanças nela efetuadas procedem de mudanças introduzidas pelos indivíduos em sua *parole*”.

simplicistas, tampouco reducionistas ao apresentar o corte saussuriano como o fizemos⁷.

Lingüística da língua e lingüística da fala

No capítulo IV da introdução do *Curso*, Saussure apresenta um reforço ao capítulo anterior em que ele delimita o objeto de estudo da Lingüística, a *langue*. Todavia não parece ser só um reforço, mas também um ato cauteloso. Ao contrário do que muitos pensam e propagam, Saussure não foi “cego” aos fatos da *parole*; apenas a fim de sistematizar os estudos da língua(gem), feito inédito, Saussure “elege” a *langue*⁸ como objeto da investigação lingüística. Como bem observa Benveniste (1995)

Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos. Vai por instinto aos caracteres primordiais, que governam a diversidade dos dados empíricos. Naquilo que pertence à língua, presente certas propriedades que não se encontram em nenhum outro lugar a não ser aí.

⁷ A título de sugestão, aos que desejam ampliar as discussões sobre o corte saussuriano, sugiro a leitura de *Saussure após meio século*, In: Benveniste (1995), o texto de Culler (1979) também traz excelentes discussões acerca do corte de Saussure, acrescente-se a estes a leitura de Lyons (1979) e (1987). Do ponto de vista epistemológico, o trabalho de Bouquet (2000) constitui-se leitura indispensável. Mas a mais indispensável obra a ser lida e relida é o *Curso*, óbvio!

⁸ Não quero dizer com isso que Saussure elegeu aleatoriamente a *langue* como objeto da Lingüística, se assim o fosse ele poderia ter elegido a *parole* e isso não traria conseqüências para os estudos da língua(gem). Como afirma o próprio Saussure (1969, p. 17) “a língua é um todo por si e um princípio de classificação”, o que significa dizer que, diferentemente, da *parole* a *langue* é sistêmica.

Há determinadas passagens nesse capítulo que ora resenhamos que são de domínio comum, ao menos enquanto chavão. É bastante comum ver expressas em livro de introdução aos estudos lingüísticos e ouvir de “estudiosos” da língua as seguintes frases de efeito: “é a fala que faz evoluir a língua”, “existe interdependência entre a língua e a fala”, “a fala é necessária para que a língua se estabeleça”, dentre outras que se encontram nesse capítulo ou no decorrer do *Curso*. A minha questão é simples: ao se mencionar esse tipo de frase de efeito, será se há realmente um entendimento disso ou apenas se faz por mera repetição? Ao que me parece não se faz tão óbvio o fato de Saussure estabelecer a LL como “Lingüística propriamente dita” e, ao mesmo tempo ter de “pedir luz” a LF para esclarecer determinadas questões da LL. Afinal, se a LL é tão autônoma, por que se valeria de explicações da LF?

Um fato que gostaria de pontuar é que Saussure tem bastante consciência do que está a fazer, inclusive das dificuldades e limitações que a teoria proposta apresenta. No decurso da obra isso fica evidente, mas como estamos centrando as observações no capítulo IV da introdução, vejamos o que diz Saussure (1969, p. 28) no fechamento deste: “unicamente desta última (fazendo referência à LL) é que cuidaremos, e se por acaso, no decurso de nossas demonstrações, pedirmos luzes ao estudo da fala, esforçar-nos-emos para jamais transpor os limites que separam os dois domínios”. Dessa forma, o que se apresenta nessas torpes linhas enquanto preocupação é exatamente o modo como os leitores do *Curso* têm concebido as idéias saussurianas, principalmente aqueles que “lêem” Saussure por segundos, terceiros etc, e não o Saussure em si.

Ainda no capítulo IV Saussure (*op. cit.*), após apresentar as características da LL e da LF, fala da ilusão que seria

reunir, sob o mesmo ponto de vista, a língua e a fala (...), conservar o nome de Lingüística para cada uma

dessas duas disciplinas e falar duma Lingüística da fala. Será, porém, necessário não confundi-la com a Lingüística propriamente dita, aquela cujo único objeto é a língua.

Com isso, estaria Saussure sendo preconceituoso, cauteloso ou limitado?

Saussure vs. Labov: um diálogo possível

Ao contrário do que muitos pregam, Saussure não deixa de considerar a LF como pertencente aos estudos lingüísticos, apenas a concebe como ciência⁹ subordinada à LL, o que a meu ver constitui uma limitação ou até mesmo um preconceito. Afinal, o que faz uma ciência superior ou inferior à outra? Seja como for, o importante é que não houve um consenso entre os estudiosos da língua(gem) a esse respeito e alguns autores, a exemplo de William Labov, adotam a LF como ponto de partida para se estudar a língua.

Em discussão sobre os postulados da linguagem, Deleuze e Guattari (1995, p. 15) observam que

William Labov apontou a contradição ou pelo menos o paradoxo, no qual desembocava a distinção língua-fala: defini-se a língua como 'a parte social' da linguagem, remete-se a fala às variações individuais; mas estando a parte social fechada sobre si mesma, disso resulta necessariamente que um único indivíduo testemunhará em direito pela língua,

⁹ O termo ciência aqui está sendo utilizado tal qual Saussure utiliza à página 26 do capítulo em análise.

independentemente de qualquer dado exterior, ao passo que a fala só será descoberta num contexto social.

A observação dos autores se faz muito pertinente, uma vez que a fala dá-se sempre num contexto social, embora apresentando suas variações, e a língua ao que nos parece não se apresenta tão restrita a si mesma, como pontua Saussure¹⁰.

A partir do momento em que não se considera a língua fechada em si mesma, portanto, homogênea, como propõe Saussure, abre-se a possibilidade, por exemplo, à heterogeneidade e é a partir daí que Labov passa a sustentar sua teoria. Conforme afirma Marinas (1972, p. 12), em *Presentación de Labov*,

este rasgo (referindo-se a não-sistematicidade da língua) es el que explica la presencia de Saussure, aun en medio de múltiples referencias críticas, a lo largo de esta obra. Saussure, de cuyo proyecto Labov parece haber retenido sobre todos los criterios para delimitar el campo de objetos da la lingüística (...) Se trata, por conseguinte, de prestar atención a los 'hechos heteróclitos del lenguaje' y no sólo a sus componentes codiciales o la dimensión de la competencia lingüística. Lo que equivale a superar la 'paradoja saussureana'.

¹⁰ Não estamos deixando de considerar que as concepções de língua de Saussure e Labov são distintas. O queremos apontar é que este, a partir do que sugere aquele, lança uma nova proposta de estudo da língua(gem), na qual a fala tem seu devido lugar, o que possibilita o diálogo entre os autores. Uma outra questão que me incomoda aqui é saber se o social a que Saussure se refere é o mesmo a que se refere Labov, pois se assim for tudo muda.

Para Labov, estudar a vida dos signos é crer num descritivismo sem alcance teórico e sem o intento do conhecimento intersubjetivo em lingüística, ou seja, uma lingüística rigorosamente científica que incorpora como objeto principal “las hablas o los discursos, su vigencia para la interacción y el sistema social y su dependencia de los mismos”, Marinas (*op. cit.*, p. 13). Como se pode observar, o que Saussure considera como não-sistematizável, Labov dá ênfase e incorpora aos estudos lingüísticos e, dessa forma, passa a considerar a heterogeneidade do sistema lingüístico e sua conseqüente variação.

Labov (1972) reconhece, assim como Saussure, que a fala dos usuários de uma língua não constituem um “sistema coerente e racional”, dadas as variações e contradições que ali ocorrem, no entanto, Labov sugere que aí reside um grande paradoxo saussuriano – “partindo-se de um único indivíduo, seria possível analisar-se o lado social da linguagem, mas somente pela interação de duas ou mais pessoas se poderia estudar o aspecto individual”, (MONTEIRO, 2000, p. 14). Saussure e Labov têm pontos de contato, mas este sustenta seus pressupostos exatamente a partir da discordância da teoria daquele. Ou dito de outra forma, Labov, para a formulação de sua teoria, passa a considerar as variações dos discursos, concebe a heterogeneidade da língua(gem) e a influência de fatores extralingüísticos como condicionadores dessa heterogeneidade, e “la inseparabilidad del dominio del lenguaje e el de la interacción social.” E isso tudo se opõe ao que reza Saussure, que concebe a língua enquanto sistema que se basta “em si” e “por si”.

Considerações finais

Diante do exposto, gostaríamos de pontuar que Saussure, apesar de não conseguir separar muito claramente a LL da LF, até porque essa possibilidade parece ser um tanto difícil, tem inquestionável contribuição aos estudos da língua(gem) visto que é ele que forma-

liza, embora com limitações, o objeto da Lingüística. E é exatamente a partir do que Saussure propõe que estudiosos, a exemplo de Labov, apresentam também a sua contribuição, trazendo para discussão e estudo pontos que o mestre de Genebra deixa “de fora” à sua época, a exemplo da fala. Ora, em sendo assim, a contribuição de Saussure também se apresenta pelo que ele não “fez”, mas que deixou margem para os demais estudiosos da língua(gem) fazerem e isso não diminui a importância do homem dos *courses*, pois como afirma Camara Jr. (1956, p. 32), temos de ter o cuidado de “não exigir de uma boa obra aquilo que ela não pretendeu dar e apenas julgá-la pelo que ela quis ser.”.

Uma outra questão que gostaríamos de evidenciar neste trabalho, talvez de relevância maior que à anterior, é que a perspectiva adotada pelo estudioso da língua(gem) – a adoção da LL ou da LF – para fins investigativos deve ser bastante consciente, pois cada “escolha” implica mudança de foco. Porém, os itens não focalizados não são de importância inferior. Haveria, então, a necessidade de se rotular uma “Lingüística propriamente dita”? Creio que não! Mas não quero cobrar de Saussure o que não sou autorizado por ele mesmo.

Para Bouquet (2000, p. 277)

a separação língua e fala pode ser criticada não apenas em nome do axioma da indissolubilidade do valor *in absentia* e do valor *in praesentia*, mas ainda, mais precisamente, segundo os três argumentos seguintes.

A sintaxe só se manifesta na fala; ora, ela faz parte da língua;

O fato sintagmático é transversal às unidades lexicais da língua e às unidades da fala;

Há relações sintagmáticas *in absentia*.

Ainda para Bouquet (*op. cit.*) as possíveis críticas à dicotomia saussuriana *língua/fala* não são “pôr em xeque” as reflexões que Saussure levou cerca de 20 anos para elaborar, são antes uma necessidade de completar o conceito de língua com base na tese do valor *in praesentia*.

A citação acima é clara: há, sim, a necessidade de se rever os conceitos saussurianos. Mas que isso se faça não como forma de negar a teoria do mestre genebrino, mas sim como um acréscimo à teoria. É bem verdade que muitos teóricos se sustentam em negar os outros, mas até nisso Saussure é necessário. Talvez o importante trabalho de Labov não existisse caso houvesse a ausência de Saussure, ou de sua teoria.

Conforme sugere Saussure (1969, p. 27), apesar de a LL e a LF, ou seus objetos de investigação, serem tão interdependentes, “não impede que sejam duas coisas absolutamente distintas”. Parece haver nisso um exagero ou pelo menos um inconveniente. Se tomadas de modo distintos (LL e LF), teremos, conseqüentemente, rumos distintos, resultados distintos... Além disso, muitos fatos da língua só são explicáveis e ou compreendidos se recorrermos à fala.

Saussure, Labov, Benveniste, Chomsky..., cada teórico, com suas respectivas teorias, dá sua contribuição. Fato é que não podemos ser ingênuos de acreditar que uma dada teoria abarca todos os fenômenos da linguagem. Isso é ilusão! Em sendo assim, cabe-nos, em princípio, eleger a “autorteoria” que pode dar sustento a nosso objeto de estudo e, em seguida, sermos éticos, respeitando as demais possibilidades de investigação lingüística.

Referências Bibliográficas

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

- BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- CAMARA JR, J. M. **Problemas de linguística descritiva**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- CRYSTAL, D. **Que é linguística?** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.
- CULLER, J. **As idéias de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 2. Rio de Janeiro: 34. ed. 1995.
- DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de linguística**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à linguística: I objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002.
- LABOV, W. **Modelos sociolingüísticos**. Madrid: Cátedra S/A, 1983.
- LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- _____. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- MOUNIN, G. **Introdução à linguística**. 2. ed. Lisboa: 1972.
- ROBINS, R. H. **Pequena história da linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- SILVEIRA, E. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas, SP: 2003. (Tese de doutoramento)